

DOCUMENTÁRIO “O POVO BRASILEIRO” COMO FERRAMENTA PARA DISCUSSÃO ACERCA DO PRECONCEITO

LILIAN BENTO DE SOUZA SILVA

Universidad de la Integración de las Américas
<bento.lilian@gmail.com>

DOI: <<https://doi.org/10.21439/10.21439/conexoes.v14i3.1373>>

Resumo. Este artigo apresenta um levantamento bibliográfico e descritivo do audiovisual para a reflexão, em sala de aula, acerca de manifestações de preconceito. Para alcançar o objetivo, analisaram-se imagens de determinados grupos sociais no documentário “O povo brasileiro”, em busca de identificar elementos fílmicos para a desconstrução do preconceito. Partiu-se de um posicionamento ético que se posicione no combate a diferentes manifestações de segregação e ignorância em sala de aula. A fundamentação teórica se baseia nas pesquisas de Nichols (2005a, 2005b), Napolitano (2003) e Kenski (2007). Por sua vez, os estudos de Ribeiro (1995), Ricardo (1995) e Munanga (2005), referentes ao combate às formas de preconceito racial, religioso e de origem, potencializam os usos dos documentários como ferramenta pedagógica contra a discriminação. Materiais audiovisuais são meios de comunicação relevantes na formação e nas interpretações que as pessoas constroem acerca do mundo onde vivem. Alunos e alunas estão em constante aprendizado e entrando em contato com novas formas de compreender a sociedade e a si mesmos. A pesquisa busca contribuir com o desenvolvimento de análises pedagógicas interessadas na representação e entendimento dos movimentos envolvendo algumas articulações entre os preconceitos, a educação e os grupos sociais marginalizados. O uso do audiovisual, nessa perspectiva, permite que se sinalize o antagonismo entre os grupos sociais (YOUNG, 1990) no Brasil, apontando a estigmatização (GOFFMAN, 1988) de minorias e marginalizados. A prática pedagógica que se defende tem como curso a intervenção política direcionada para a transformação social.

Palavras-chaves: Documentário. Escola. O povo brasileiro. Preconceito.

Abstract. This article presents a bibliographical and descriptive survey of the audiovisual for the reflection, in the classroom, about manifestations of prejudice. In order to reach the objective, we analyzed images of certain social groups in the documentary "The Brazilian people", in search of identifying filmic elements for the deconstruction of prejudice. It started from an ethical positioning that is positioned to combat different manifestations of segregation and ignorance in the classroom. The theoretical basis is based on research by Nichols (2005a, 2005b), Napolitano (2003) and Kenski (2007). On the other hand, the studies of Ribeiro (1995), Ricardo (1995) and Munanga (2005), regarding the fight against forms of racial, religious and origin prejudice, potentialize the uses of documentaries as a pedagogical tool against discrimination. Audiovisual materials are means of communication relevant to the formation and interpretations that people construct about the world in which they live. Students are constantly learning and coming into contact with new ways of understanding society and themselves. The research seeks to contribute to the development of pedagogical analyzes interested in the representation and understanding of the movements involving some articulations between the prejudices, the education and the marginalized social groups. The use of the audiovisual in this perspective allows the signaling of antagonism between social groups (YOUNG, 1990) in Brazil, pointing to the stigmatization of minorities and marginalized people (GOFFMAN, 1988). The pedagogical practice that defends itself has as its course the political intervention directed towards social transformation.

Keywords: Documentary. School. O povo brasileiro. Prejudice.

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo, procura-se analisar como determinados grupos sociais são representados no documentário “O Povo Brasileiro”. Considerou-se esse trabalho audiovisual pela possibilidade de ele funcionar como integrante de uma metodologia de ensino e aprendizagem que debata questões relacionadas aos preconceitos raciais, religiosos e de origem. Os filmes podem contribuir didaticamente ao instigar o senso crítico dos estudantes, possibilitando meios para que ajam ativamente nos tópicos referentes ao meio social em que estão inseridos e exponham os preconceitos existentes na sociedade atualmente.

Pretende-se realizar uma revisão bibliográfica sobre as oportunidades que o audiovisual pode oferecer em sala de aula, pautada, principalmente, nas concepções de Nichols (2005a) sobre a produção documental e de Napolitano (2003) acerca de seus usos em sala de aula. Do mesmo modo, delimitou-se o objeto de análise ao documentário “O Povo Brasileiro” a fim de se articular a discussão entre audiovisual e imagens que desconstruem a estigmatização (GOFFMAN, 1988), historicamente naturalizada, de minorias e diferentes grupos sociais. O documentário será encarado como meio de desestruturar essas imagens, por isso a importância de ser compreendido em uma perspectiva que considere a diversidade cultural existente, sem a criação de hierarquias valorativas (RIBEIRO, 1995; MUNANGA, 2005; RICARDO, 1995).

Vive-se em uma nova configuração social, cultural e tecnológica. Cada vez mais, as aulas que se resumem a giz e quadro negro estão se tornando ultrapassadas, o professor, além de adequar os conteúdos à realidade dos alunos, precisa conhecer maneiras alternativas de levar esse conteúdo aos estudantes. A educação e os recursos tecnológicos têm se tornado indissociáveis (KENSKI; VANI, 2007). Vale dizer que somente o suporte didático, assim como somente o conteúdo, não alcança os alunos, não gera interesse e acaba se tornando algo maçante e passatempo.

As informações surgem e desaparecem na velocidade de um clique na internet. A inserção de novos recursos tecnológicos e de uma massiva quantidade de informações têm transformado muitos aspectos do cotidiano das pessoas, incluindo dentro do espaço escolar. O passado se torna antiquado rapidamente. Novas identidades surgem na sociedade, buscando espaço e visibilidade para existir de forma plena. Outras identidades são reafirmadas e fortalecidas. Como uma reação a essas mudanças, manifestações de ódio emergem nesse mesmo movimento de ocupação de espaço pelas mino-

rias e marginalizados.

Além disso, aqueles que não lidam bem com o diferente tendem a agir de modo violento e buscam eliminar esse outro do meio social em que vivem. Não são apenas as leis e as políticas públicas que evitarão conflitos identitários na sociedade contemporânea, a solução para isso também atravessa o campo da educação. Nesse ponto, a educação não se refere somente à formação escolar, uma vez que engloba as famílias, as comunidades, os grupos religiosos, as mídias e os movimentos sociais.

A escola assume um papel de formação para as pessoas. Essa função tem sido criticada, estudada e politizada. De uma forma ou outra, o ambiente escolar ainda é sacralizado na sociedade, criando uma imagem de imparcialidade, neutralidade e reprodução de conhecimento. As pessoas procuram na educação a possibilidade de dominar formas de saber e melhor qualidade de vida. Qual educação, entretanto, está sendo proposta nas escolas? Qual a interferência do poder público na formação intelectual das pessoas? Como levar a tecnologia para sala de aula e utilizá-la de forma proveitosa? Como a educação lida com as manifestações de preconceitos? Naturaliza ou problematiza as situações de segregação? Em busca de refletir acerca de algumas dessas questões, analisar-se-ão algumas possibilidades de uso do audiovisual na luta contra os preconceitos.

2 CINEMA EM SALA DE AULA

A sociedade brasileira é culturalmente rica e diversificada. Formou-se a partir de uma combinação de elementos oriundos de culturas, povos e lugares diversos. Um cruzamento cultural não isento de conflitos, violência, censuras e contradições, o que resultou no país chamado Brasil. Por isso, as produções audiovisuais se tornam uma das alternativas mais eficientes de apresentar aos alunos a multiplicidade do patrimônio cultural brasileiro. Os filmes podem expressar a cultura, os hábitos e a mentalidade, expandindo o horizonte intelectual dos alunos, assim como para enfatizar a importância do respeito perante o considerado diferente, lutando contra qualquer manifestação discriminatória. Pode-se recorrer ao cinema para ampliar a compreensão dos alunos, a ponderação sobre seus próprios valores e uma possível tomada de consciência em posicionamentos referentes às questões polêmicas que circulam pela sociedade.

As produções audiovisuais não são o gatilho que ativará a criticidade e a conscientização de seus alunos ou a ferramenta que fará o interesse estudantil brotar durante as aulas. Para alcançar esse objetivo, o docente precisa saber mediar o conhecimento, instigar seus alu-

nos a pensarem por si próprios e a questionarem o senso comum.

A voz do professor não precisa ser o canal monopolizador da transmissão de conhecimento, os vídeos, a internet, a televisão, diferentes “equipamentos narrativos” (KENSKI; VANI, 2007) se transformam em novos canais de mediação do conhecimento, em que histórias são contadas de diferentes maneiras para um público, os alunos, cada vez mais ávidos pelas novidades tecnológicas.

O sistema educacional somente consegue ser eficaz e eficiente na vida das pessoas quando se preocupa em tornar possíveis experiências de aprendizagem, instigando a criatividade no desenvolvimento da aula e apresentando maneiras de acessar as mais diversas fontes de informação (ASSMANN, 2007).

A escolha de algum recurso tecnológico no momento da aula altera a natureza do processo de ensino-aprendizagem (KENSKI; VANI, 2007). O que é transmitido através do livro didático ou pela narração feita pelo professor comunica de forma diferente do que seria feito com recursos tecnológicos. A recepção de algum conteúdo acompanha o canal de transmissão desse mesmo conteúdo.

A exibição de filmes durante as aulas proporciona uma transformação nas práticas escolares, aproximando os alunos a um campo onde o real e o fictício se confundem e desenvolvem-se em conjunto. As produções audiovisuais apresentam outras peculiaridades, como escreve Moran (1995):

O vídeo parte do concreto, do visível, do imediato, próximo, que toca todos os sentidos. Mexe com o corpo, com a pele, nos toca e “tocamos” os outros, estão ao nosso alcance através dos recortes visuais, do close, do som estéreo envolvente. Pelo vídeo sentimos, experienciamos sensorialmente o outro, o mundo, nós mesmos.

Uma exibição audiovisual cria um testemunho acerca de determinados tempo e espaço (SORLIN, 2005). Os discursos históricos apresentados em uma produção fílmica, contudo, não são obrigados a manter quaisquer compromissos com o conhecimento institucional (SOUZA, 2012). A causa principal é produzir entretenimento ou denunciar contextos sociais. O cinema é uma estrutura múltipla, envolvendo produção, atuação, criatividade e autoria. Como uma produção cultural, é desenvolvido de maneira coletiva, todavia possui sua individualidade, principalmente, focada nas escolhas do diretor. Em produções cinematográficas (docu-

mentários e filmes históricos), esquece-se que ali são apresentadas versões, que por sua vez também são baseadas em outras versões dos acontecimentos.

Os documentários procuram retratar a sociedade, a cultura, as pessoas ou mesmo, somente um indivíduo, recorrendo a recursos estéticos e discursivos para representar atitudes, sentimentos e modos de vida, captando os aspectos fragmentados da realidade. As representações são pensadas por diversos grupos sociais, nem sempre harmoniosos. São perspectivas sobre o mundo que se pretende incorporar no imaginário da sociedade, nas práticas cotidianas das pessoas. Pode-se considerar as representações como resultados contraditórios de conflitos entre pessoas e grupos e suas variadas interpretações e versões. Não são imparciais, contudo estão a serviço de diferentes grupos sociais.

Bruzzo e Cristina (1998) resumem o funcionamento dos documentários ao escrever que “o essencial do documentário é a realidade supostamente captada pela câmera e que pode ser revista infinitas vezes, congelada para sempre. Esta preocupação com a fixação do real acompanha todas as formas de representação.”

Os documentários mais recentes podem ser considerados “autorreflexivos” ao misturar a observação da câmera com entrevistas e a voz do diretor organizando a ordenação do filme. Aspectos que evidenciam que a produção documental nunca foi algo neutro, mas uma representação intencional. “O cineasta sempre foi uma testemunha participante e ativo fabricante de significados, sempre foi muito mais um produtor de discurso cinematográfico do que um repórter neutro (NICHOLS, 2005a). Neutralidade, ela mesma, muito mais retórica do que concreta na produção dos documentários.

O documentário se compõe pelo material que ele produz, como se a câmera fosse um olho neutro, alheio aos enganos, um olhar imparcial e hábil acerca do que é registrado. Em sala de aula, todavia, deve-se afastar da tendência corriqueira de que a perspectiva difundida pelos documentários é o único meio possível de apresentar o tema em questão.

Nichols (2005a) fez a distinção de diferentes formas de documentários e sugere algumas definições para seis tipos principais: 1) o modo poético tem o mundo histórico como principal elemento, utilizando o cotidiano e suas transformações como mote principal; 2) no expositivo, fala-se de modo direto com o espectador. Os filmes produzidos nessa perspectiva usam os comentários de um narrador invisível, transmitindo um caráter de objetividade; 3) o modo observativo traz o diretor como um grande observador que acompanha as atividades cotidianas das pessoas. Busca-se passar a impressão de

retratar a vida como ela é vivenciada; 4) no modo participativo, cria-se o sentimento de como seria fazer parte de um acontecimento. Para isso requer uma participação mais direta do diretor, recorrendo às entrevistas; 5) o reflexivo busca fazer o espectador observar o documentário como uma construção, desmonta um suposto realismo, demonstrando a capacidade que a câmera tem para criar fabricar representações do mundo; 6) o modo performático explora o subjetivo e afetivo dos espectadores. Possui um caráter autobiográfico, fazendo com que se trabalhe com diferentes modos de representação e outras narrativas.

O documentário articula ideologias e práticas socioculturais a fim de enfatizar a realidade em um determinado ponto de vista. Nesse movimento, é importante que se tenha cautela nas escolhas de documentários a serem exibidos em sala de aula e perspicácia na medição do encontro dos alunos com esses documentários para não criar a impressão de que o documentário contenha uma versão imparcial e absoluta acerca dos acontecimentos exibidos.

A escola ocupa um espaço pedagógico dedicado ao desenvolvimento de hábitos perante o conhecimento formal. Ela possui um papel no exercício de aprendizagem para a vida em sociedade. Assim, recai sobre os professores a responsabilidade de elaborar seus planos pedagógicos tendo em vista esse entendimento do que seja escola, com o objetivo de aprimorar a aprendizagem dos estudantes (FONSECA, 2006).

Os professores e professoras devem reconhecer o papel das tecnologias (internet, cinema etc.) na cultura contemporânea, seu alcance como divulgadoras de informações e as maneiras como esse conhecimento se incorpora nos hábitos das pessoas. A substituição de um método de ensino, contudo, não criará o efeito esperado na turma, pois não houve uma mudança eficaz na metodologia, apenas uma substituição. Trata-se do mesmo ensino com uma nova aparência, logo os resultados alcançados também serão os mesmos em sala de aula.

São muitas as possibilidades de uso de filmes nas aulas. Como possibilitar, sobretudo, que os alunos percebam que em filmes e documentários estão apenas versões do passado e não uma versão única da história? Como tornar a exibição cinematográfica apenas parte da aula e não seu elemento principal? São novas questões que surgem no trabalho do professor e talvez por isso assustem aqueles docentes sem disposição para inserir novas metodologias em suas aulas.

3 O POVO BRASILEIRO

Trabalhar com tecnologias audiovisuais durante as aulas pode contribuir com a escola em um redirecionamento para uma cultura, simultaneamente, de entretenimento e de informação. No cinema, o estético, o lazer, o ideológico e o social estão articulados em um mesmo trabalho, funcionando em conjunto na montagem da obra. Com isso, independentemente do gênero de filme, desde os mais comerciais aos mais sofisticados, os filmes apresentam sempre alguma aplicação para os trabalhos escolares (NAPOLITANO, 2003). Para efeitos de criar discussões acerca do preconceito e da diversidade cultural brasileira, um excelente trabalho é a obra do antropólogo Darcy Ribeiro (1922-1997), dedicada a compreender o Brasil. O documentário “O povo brasileiro”, dirigido por Isa Ferraz, baseado na obra homônima de Ribeiro sobre a formação do Brasil, pode funcionar como um potencializador das lutas contra a ignorância e o preconceito. O antropólogo escreveu que

Somos povos novos ainda na luta para nos fazermos a nós mesmos como um gênero humano novo que nunca existiu antes. Tarefa muito difícil e penosa, mas também muito mais bela e desafiante. Na verdade das coisas, o que somos é a nova Roma. Uma Roma tardia e tropical [...]. Mais alegre porque mais sofrida. Melhor porque incorpora em si mais humanidade (RIBEIRO, 1995).

Os dez episódios que formam o documentário, com duração de um pouco mais de vinte minutos, abordam como o povo brasileiro se formou, a partir da mestiçagem e do sincretismo. O documentário é hábil em retratar como a aproximação de diferentes culturas foi imersa em preconceito, dominação e resistência. Afasta-se de uma versão do passado brasileiro livre de conflitos, mas trata desse assunto e de seus resquícios ainda no tempo atual. Registraram-se imagens em diferentes pontos do país, complementadas por depoimentos de pesquisadores e artistas.

Pelo material pesquisado e as inúmeras possibilidades pedagógicas que este documentário apresenta, tratar-se-á brevemente dos dez episódios. Alguns episódios receberão mais atenção por tratarem diretamente da desconstrução de estereótipos. O professor não precisa exibir toda a série em um único momento, todavia pode utilizar um episódio e desenvolver a aula. Cada episódio aponta para várias direções e possibilidades de reflexão.

ÁRIO “O POVO BRASILEIRO” COMO FERRAMENTA PARA DISCUSSÃO ACERCA DO PRECONCEITO

1) “Matriz Tupi” é o título do primeiro episódio do documentário. Em seu início, Darcy Ribeiro traz a seguinte provocação: “ninguém sabe como será o mundo daqui a cinquenta anos. Só se sabe de uma coisa: será totalmente diferente do que é hoje” e alerta para as chances de se criar o futuro, afirmando que “a coisa mais importante para o brasileiro é inventar o Brasil que queremos”. Esse primeiro capítulo é dedicado aos povos indígenas que habitavam o atual território brasileiro antes das invasões europeias iniciadas a partir do século XVI. Os grupos indígenas são descritos como se encontravam nessa parte do Novo Mundo, assim como suas principais características e modos de vida. Na produção é apresentado como os índios estavam se adentrando na prática da agricultura, na domesticação de animais e no cultivo de plantas para sua subsistência. Esses povos conheciam a natureza e os recursos disponíveis para sua qualidade de vida. Eram grupos migratórios em constante mudança e o desenho dos rios das regiões em que circulavam determinava os locais para erguer a tribo.

Na figura 1, abaixo, os produtores procuraram apresentar as relações entre os nativos, procurando retratar alguns hábitos encontrados nas aldeias.

Figura 1: Tribo indígena



Fonte: Matriz Tupi

No documentário, encontram-se registros imagéticos filmados em preto e branco no período em que Darcy Ribeiro viveu entre os índios Kayapó, no início da década de 1950. O registro antropológico busca se afastar das pessoas filmadas para pouco interferir em seu cotidiano. As filmagens surgem como uma visão neutra dos acontecimentos. Aqui não surge a necessidade de analisar a interferência do antropólogo no meio registrado ou sua intencionalidade ao registrar determinadas cenas e ignorar outras. As intervenções dos produtores não precisam ser um ponto para a discussão do documentário por não ser o foco da aula.

Os grupos indígenas são apresentados sem os estereótipos que acompanham esses povos. Pode-se indagar sobre quais efeitos tais imagens poderiam ter na interpretação dos alunos e alunas. Como podem contribuir para uma devida compreensão acerca do modo de vida dos índios? Imagens desse tipo causam impacto, uma vez que afastam a ficcionalidade do registrado pela câmera em uma intensificação do realismo ali gravado.

Como o foco do documentário é a vida dos grupos indígenas, deve-se concentrar nas narrativas anteriores à colonização portuguesa. Os alunos e alunas precisam ser lembrados de que havia pessoas nas terras recentemente invadidas pelos portugueses, as quais tinham sua própria cultura, idiomas e costumes.

Segundo Ricardo (1995), “hoje, um estudante ou um professor que quiser saber algo mais sobre os índios brasileiros contemporâneos, aqueles que sobraram depois dos tapuias, tupiniquins e tupinambás, terá muitas dificuldades.” A realidade do conhecimento da historiografia dos indígenas brasileiros continua em estado deficiente nas escolas brasileiras. São apresentados sempre em comparação com os colonos, sendo retratados como atrasados, selvagens, violentos e quase animais. Os índios ainda são vistos como o elemento exótico do passado brasileiro, aquele personagem que se torna fantasia para as crianças todo o dia 19 de abril, em que se comemora o Dia do Índio. Sair do senso comum e das imagens construídas de forma preconceituosa e estereotipada deve ser um norteador para se trabalhar com a cultura indígena em sala de aula.

A diversidade étnica e cultural precisa ser discutida em sala de aula, pois o respeito e o conhecimento da cultura indígena é um tema que se tornou lei no país. A Lei 11.654, formulada em 2008, integrou a Lei 10.639, alterando o conteúdo do artigo 26-A, integrando, junto do grupo étnico dos negros, o estudo sobre os índios. Assim, a lei entrou em vigor do seguinte modo:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, público e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. § 1º o conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas so-

ÁRIO “O POVO BRASILEIRO” COMO FERRAMENTA PARA DISCUSSÃO ACERCA DO PRECONCEITO

cial, econômica e política pertinentes à História do Brasil. § 2º Os conteúdos referentes à história afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileira. (BRASIL, Lei 11.645/08)”

O reconhecimento dessas culturas não europeias não é uma questão de condescendência com negros e indígenas, mas uma questão de ética, de alteridade e humanidade. Esses grupos não precisam ocupar um espaço de exotismo e inferioridade. Trazer o outro para a discussão dentro da educação faz parte de um projeto pedagógico de inclusão das diferenças, visando melhores condições de vida na sociedade.

Após a exibição do filme, sugere-se que o professor recupere os elementos que mais chamaram atenção das alunas e alunos. Trabalhando com as imagens, com a narrativa oral, com os depoimentos e com os trechos do livro de (RICARDO, 1995). O oral e o visual se encontram no documentário. A partir disso, pode-se complementar as informações e instigar a curiosidade dos alunos para que tenham consciência da importância dessa história. Se os índios são vistos como mansos e ociosos, entender o porquê da criação e da permanência desse tipo de estereótipo.

Além disso, outro recurso que compõe o trabalho são os mapas expondo as migrações dos grupos indígenas e os espaços ocupados. Indicam, sobretudo, os efeitos nocivos que a colonização teve para os diferentes povos. Durante a apresentação do filme, pode-se aproveitar suas falas de Darcy Ribeiro para cotejar com as interpretações dos próprios alunos e do senso comum. Cabe ao professor mediar às falas do documentário e as falas de seus alunos para desenvolver a compreensão da turma sobre o tema tratado.

2) No segundo episódio do documentário é observado o papel da cultura portuguesa na formação brasileira. “Matriz Lusa” é o título desse capítulo. Para enriquecer mais a aula e fundamentar a discussão, cabe ao professor conhecer a tecnologia utilizada pelos portugueses durante suas navegações no século XVI.

3) O episódio seguinte se intitula “Matriz Afro”. Apresenta-se o continente africano como o berço da humanidade, o local onde a espécie humana apareceu. Nesse espaço, a heterogeneidade cultural dos povos africanos é enfatizada. Suas diferenças são explicitadas, conduzindo o espectador a uma compreensão da

diversidade daqueles povos. Quando se ouve dizer cultura negra, África, os negros, escravos, etc. passa-se a imagem de algo único e uniforme, como se o fato de ser procedente do continente africano ou ser negro significasse uma unidade. Contudo, nunca houve uma cultura africana homogênea, desde tempos longínquos, a diversidade continua sendo a sua maior peculiaridade. Isto fica evidente na exibição do documentário ao retratar a pluralidade de hábitos e culturas.

Na figura 2, por exemplo, encontra-se uma imagem utilizada para veneração de determinados grupos. Do mesmo modo, outros objetos sagrados são apresentados, denotando a multiplicidade de modos de adoração e vivência daquele espaço.

Figura 2: Tribo indígena



Fonte: Matriz Afro

Apresenta-se como era vida dos primeiros grupos de negros escravizados que foram forçados a vir para o Brasil, originários das regiões de Angola e do Congo. O documentário narra como o século XVIII abriu uma nova rota de “comercialização” de negros e negras escravizados através do Golfo de Benin. A violência, humilhação, assassinatos, trabalhos forçados, separação de famílias, estupros, devem ser tópicos de discussão para compreender o quão horrível era a vida dos escravizados e escravizadas. A imagem de escravos satisfeitos com seus senhores precisa ser desmistificada tanto para compreender o papel dos negros na formação brasileira quanto para entender a continuidade de uma mentalidade preconceituosa em relação às questões de cor e à cultura negra.

A vida dos povos africanos não pode ser pensada afastada de sua religiosidade, aspecto lembrado nas imagens do documentário. Sugere-se que os professores e professoras devam pesquisar acerca dos principais grupos religiosos de matriz africana para esclarecer possíveis dúvidas. Diversas imagens de deuses e entidades são apresentadas. Pessoas trajadas conforme seus

ÁRIO “O POVO BRASILEIRO” COMO FERRAMENTA PARA DISCUSSÃO ACERCA DO PRECONCEITO

ritos e crenças. Os rituais de adoração e de contemplação do sagrado são exibidos.

Em um país de maioria cristã, como é o caso do Brasil, a ignorância e preconceito acerca dessas outras religiosidades pode ser gritante. A estigmatização da cultura negra precisa ser combatida em sala de aula e no restante da sociedade. Pois, de acordo com Goffman (1988), “a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias.”

Em determinado momento do documentário, Mãe Estela, ao falar sobre a os sacrifícios e a violência sofrida pelos negros e negras, diz que “se as pessoas quiseram cortar essa característica minha é porque ela é de muito valor e ameaçava.” Deve-se lembrar que a religião cristã foi imposta de forma autoritária para esses grupos. Eles deveriam reverenciar o que era imposto por seus senhores, não aquilo com o que mais se identificavam. Se o preconceito com as religiões africanas persiste é porque os valores racistas e patriarcais ainda se fazem presentes, criando hierarquias e justificando manifestações de ódio.

Silva et al. () questionam “como poderá alguém desabrochar seu corpo que é físico, que é inteligência, percepção, sentimento, emoção, com alegria e espontaneidade”, e prosseguem, “sendo ele negro num mundo em que o feio, o negativo, o mau, errado, é qualidade de negro?” A valorização e autoestima de todo um povo acaba se tornando fruto de resistência, porque a cultura dominante busca unicamente suprimir as diferenças.

Alguns professores, por falta de preparo ou por preconceitos neles introjetados, não sabem lançar mão das situações flagrantes de discriminação no espaço escolar e na sala como momento pedagógico privilegiado para discutir a diversidade e conscientizar seus alunos sobre a importância e a riqueza que ela traz à nossa cultura e à nossa identidade nacional (MUNANGA, 2005).

A criação de uma hierarquia de raças não é algo natural, apesar de profundamente inserida na sociedade, as pessoas não nascem racistas, mas se tornam, do mesmo modo de que podem deixar de sê-lo (FREIRE, 2001). As práticas racistas são construções sociais feitas em sociedade atravessada pela exclusão e a desigualdade. Estigmatizar o sagrado do outro é um meio de se criar uma hierarquia de valores. Desvalorizar a cor, o cabelo, a cultura negra, é a maneira com que os preconceituosos justificam a opressão. Mudar o pensamento racista

tem de ser um dos objetivos principais dos currículos escolares, porque, assim como esses colaboram na manutenção do racismo, também podem funcionar como um efeito inverso.

O documentário apresentado pode ser o condutor dos debates acerca desse problema que ainda atinge a escola, a sociedade e a vida das pessoas. Não se trata de um problema com a estética africana, mas uma questão que atinge a economia, a cultura, a educação, o psicológico, a segurança e a religiosidade de um grupo social marginalizado.

“Matriz Afro” provoca as percepções acerca das questões raciais dos afrodescendentes e aponta para as maneiras como as escolas têm lidado com problemas relacionados às culturas africanas e ao preconceito racial. Os educadores e educadoras se silenciam diante de manifestações de preconceito no espaço escolar? Perpetuam eles mesmos a crença em uma hierarquia de raças? Como a violência racial é resolvida dentro do ambiente escolar? Talvez ainda sejam questões que não tenham soluções, seja por desinteresse ou por manifestações internalizadas do racismo.

4) No quarto capítulo do documentário, “Encontros e Desencontros”, Darcy Ribeiro apresenta a cultura brasileira como uma cultura de retalhos “que o povão guarda”. Foram várias as contribuições para a formação do que se conhece hoje como cultura brasileira, inicialmente, o índio nativo, que ensinou aos portugueses como se dava a vida na floresta e foram forçados a usar o idioma do português e a serem aculturados de acordo com o colonizador. Populações indígenas que tiveram de enfrentar genocídios, resistindo, fugindo ou se adaptando. Com a presença dos negros, forja-se uma junção de saberes, mentes e hábitos, não sem resistências. Neste processo, grupos diferentes foram confluindo em uma mesma direção, fundindo-se, criando algo novo e original, resultando na origem da formação do povo brasileiro.

5) No quinto capítulo, “Brasil Crioulo”, mostra-se o desenvolvimento do Brasil, a partir da chegada de negros e negras escravizados oriundos do continente africano. Nessa exibição, é apresentado como se dava a vida nos engenhos. Introduce-se, assim, uma perspectiva para entender o funcionamento do Brasil colonial, alicerçado na exportação de matéria prima, na existência de latifúndios e no trabalho escravo. Os alunos e alunas precisam entender o papel da economia açucareira para a colônia e como a exploração dos escravizados contribuía com o desenvolvimento econômico. Ou seja, eram riquezas que dependiam da exploração e violência para existirem. A cultura dos negros e de seus descen-

ÁRIO “O POVO BRASILEIRO” COMO FERRAMENTA PARA DISCUSSÃO ACERCA DO PRECONCEITO

dentes permaneceu ativa, existindo de forma paralela à cultura branca de seus senhores. Os negros e negras escravizados realizavam suas festas, tinham suas crenças e costumes. Adaptavam suas práticas para não sofrer as penalidades impostas pelos senhores contra as culturas africanas. Em determinado momento do documentário, o cantor Chico Buarque lê um trecho do livro “O Povo Brasileiro”, de Darcy Ribeiro, e diz que

No quinto capítulo, “Brasil Crioulo”, mostra-se o desenvolvimento do Brasil, a partir da chegada de negros e negras escravizados oriundos do continente africano. Nessa exibição, é apresentado como se dava a vida nos engenhos. Introduce-se, assim, uma perspectiva para entender o funcionamento do Brasil colonial, alicerçado na exportação de matéria prima, na existência de latifúndios e no trabalho escravo. Os alunos e alunas precisam entender o papel da economia açucareira para a colônia e como a exploração dos escravizados contribuía com o desenvolvimento econômico. Ou seja, eram riquezas que dependiam da exploração e violência para existirem. A cultura dos negros e de seus descendentes permaneceu ativa, existindo de forma paralela à cultura branca de seus senhores. Os negros e negras escravizados realizavam suas festas, tinham suas crenças e costumes. Adaptavam suas práticas para não sofrer as penalidades impostas pelos senhores contra as culturas africanas. Em determinado momento do documentário, o cantor Chico Buarque lê um trecho do livro “O Povo Brasileiro”, de Darcy Ribeiro, e diz que

nenhum povo que passasse por tudo isso como sua rotina de vida através de séculos sairia dela sem ficar marcado indelevelmente. Todos nós, brasileiros, somos carne daqueles pretos e índios supliciados. Todos nós, brasileiros, somos por igual a mão possessa que os aprisionam. A doçura mais terna e a crueldade mais atroz aqui se conjugaram para fazer de nós a gente sentida e sofrida que somos. E a gente insensível e brutal que também somos

As marcas de todo o sofrimento e violência praticados ainda atravessam a sociedade brasileira contemporânea. Os temas que envolvem as questões raciais são polêmicos em um país desigual e preconceituoso, como é o caso do Brasil. Tentativas de naturalizar o preconceito surgem constantemente e somente a efetivação de políticas públicas e iniciativas de grupos de combate ao preconceito para esse quadro de discriminação começar a se alterar. As leis constroem aos preconceituosos a camuflarem seu ódio. Para alterar esse quadro,

a educação (familiar e escolar) é um dos meios para se modificar as práticas opressoras. A intenção principal não é a de dogmatizar os alunos e alunas para algum posicionamento político. Pretende-se, sobretudo, colaborar com seu pensamento crítico acerca de diferentes formas de preconceito que surgem no meio da sociedade, desnaturalizando-os e explicando-lhes a diversidade existente.

6) O sexto capítulo do documentário homenageia os habitantes do interior, o “Brasil Sertanejo”. Contam-se relatos sobre a vida nos sertões, juntamente com seus aspectos geográficos e culturais. Nesta apresentação, trechos de produções cinematográficas como “Vidas Secas” e “Deus e o Diabo na Terra do Sol” se alternam como imagens, fotografias, registros fílmicos, canções como as de Luiz Gonzaga e o som de sua sanfona.

Antes da exibição do documentário, recomenda-se que o professor converse com os seus alunos e alunas acerca da compreensão que eles têm do nordeste brasileiro. As respostas dadas podem funcionar como uma estimativa para perceber os preconceitos, a ignorância e as imagens da mídia que compõem o imaginário da classe.

O documentário apresenta um outro Brasil, aquele longe das grandes metrópoles, das ruas pavimentadas e das grandes construções. Realidade de muitos brasileiros e brasileiras, o sertão tem sua origem na criação de gado. A região de clima árido e problemas de distribuição de água. Construída imagetivamente com figuras de coronéis, jagunços, cangaceiros, beatos, pobreza, fome e seca (JUNIOR, 2011).

Como nos demais episódios, busca-se tirar os alunos de sua zona de conforto e apresentar-lhes diferentes perspectivas da formação do Brasil. O documentário apresenta vários elementos da cultura que podem ser utilizados para desenvolver noções de cidadania e alteridade nos estudantes.

7) O episódio “Brasil Caipira” apresenta as origens e as mudanças pelas quais passou o “Mundo Caipira”. Conta-se sobre os bandeirantes, a caça aos indígenas e ao ouro. Traz ainda imagens originais registradas na região do Sul de Minas Gerais, na cidade mineira de Ouro Preto e em São Paulo. Contém imagens de danças populares, como Congada e do Moçambique, filmadas em 1935. Conta com trechos extraídos de textos escritos pelo historiador Sérgio Buarque de Holanda, junto com depoimentos dados por outros profissionais.

8) O oitavo episódio, “Brasil Sulino”, começa com a história do encontro de padres jesuítas e as comunidades indígenas, à procura da “Terra sem Males”, que se

ÁRIO “O POVO BRASILEIRO” COMO FERRAMENTA PARA DISCUSSÃO ACERCA DO PRECONCEITO

transformaria em Missões localizadas ao sul do território. São descritos os horrores infligidos aos povos nativos pelos religiosos e pelos bandeirantes. Como a cultura e as crenças indígenas foram forçosamente substituídas pela cultura e crença dos europeus invasores.

Judith Cortesão tece uma eloquente crítica ao modelo de colonização escolhido pelos europeus naquele momento, porque, para coincidir o domínio do espírito indígena aos territórios, elaborou-se uma das mais destruidoras táticas de “lavagem cerebral”, desmantelando completamente a cultura e os hábitos indígenas, impedindo até mesmo que se defendessem desses sutis e agressivos ataques.

4 Vidas secas é um filme dramático produzido no Brasil, em 1963, dirigido por Nelson Pereira dos Santos. Seu roteiro é baseado no livro homônimo escrito por Graciliano Ramos, em 1938. As filmagens aconteceram em Minador do Negrão e Palmeira dos Índios, sertão de Alagoas. Nesta produção percebe-se a influência do neorealismo italiano. O filme logo se tornou um dos mais importantes do Cinema Novo, abordando problemas sociais que marcavam a sociedade brasileira.

5 Luiz Gonzaga (1912-1989) foi um cantor e compositor brasileiro. Também conhecido como o “Rei do Baião”. Cantava acompanhado de sua sanfona, da zabumba e do triângulo. A miséria do povo, as tristezas e a seca do sertão nordestino são temas recorrentes em suas músicas

9) Em “Brasil Caboclo”, os diferentes povos indígenas foram, sem grande rigor, conglomerados pelos jesuítas. A chegada dos europeus significou uma catástrofe para os grupos nativos. As enfermidades que acometiam os colonizadores contagiaram os índios, dizimando-os rapidamente pela falta de anticorpos naturais. Foi o sarampo, a catapora, as cáries dentárias, a caxumba e as gripes. Todas exterminavam um grande número de pessoas. Aqueles que resistiam às doenças foram escravizados pelos colonizadores para o colhimento das drogas do sertão ou ficavam à mercê do controle da catequese dos grupos religiosos que chegavam à Colônia.

10) Este último episódio de “O Povo Brasileiro” é uma grande miscelânea de imagens, uma sucessão de aspectos do presente e do passado. Darcy Ribeiro ressalta que os planos portugueses foram subvertidos “pelos Trópicos, pelos ameríndios e pelos africanos”, em

um processo em que se mesclaram os deuses, idiomas, hábitos e culturas desses diferentes povos.

Figura 3: Tribo indígena



Fonte: O Povo Brasileiro

A sequência do vídeo apresenta a Cabanagem, em que os nativos e pobres entram em conflito com a camada lusa dirigente e seu projeto de ocupação do país. O resultado desse choque foi um grande genocídio na região Norte do país. Mais de cem mil caboclos foram dizimados, ainda que, durante os conflitos houvesse algumas conquistas, como a ocupação de cidades como Belém e Manaus.

Houve ainda lutas pela independência e após ela, como atestam a Revolução Farroupilha, a Sabinada e a Guerra de Canudos e outros levantes ocorridos nos sertões brasileiros.

Realizou-se esta breve apresentação do documentário “O Povo Brasileiro” por considerar a abrangência dos temas exibidos em cada episódio de importância para o desenvolvimento da cidadania e alteridade dos alunos e alunas. O professor tem à sua disposição um instrumento que pode ser utilizado de diversas maneiras. Os filmes, por terem uma breve duração, não se tornam cansativos para a exibição. Em cada capítulo a temática do preconceito surge. Isto não é por acaso, pois mostra o quanto esse mal ainda afeta diferentes setores da sociedade.

4 CONCLUSÕES

O documentário apresenta uma grande lição acerca da ignorância e do preconceito. Cada episódio confronta o senso comum acerca de vários aspectos da formação brasileira. De modo didático e dinâmico, os conteúdos são apresentados. Na alternância entre músicas,

ÁRIO “O POVO BRASILEIRO” COMO FERRAMENTA PARA DISCUSSÃO ACERCA DO PRECONCEITO

imagens, fotografias, cenários naturais, registros históricos e entrevistas, os temas abordados fluem durante a exibição.

Torna-se possível que o professor confronte as interpretações dos alunos, para isso precisa estar preparado. Pela riqueza de informações e detalhes presentes em casa episódio, dúvidas, discordâncias e indiferença podem aparecer e o docente precisa saber como lidar com o conhecimento apresentado e com o conhecimento dos estudantes.

Os capítulos de “O Povo brasileiro” mostram como as sociedades se formaram. Foram povos escravizados, grupos indígenas massacrados, mulheres violentadas, mães separadas de seus filhos, pobreza e ganância que assombravam a nação. Aspectos que esses documentários trazem à tona, fazendo com que os grupos valorizem sua história e tornem o preconceito uma manifestação de ódio, falta de solidariedade e desumanidade.

No atual contexto em que a globalização procura homogeneizar a sociedade, somente olhando para o passado para reconhecer a heterogeneidade. A produção documental valoriza os diferentes povos sem recorrer a uma defesa apaixonada e ingênua.

Os povos, suas histórias e práticas, são apresentados na tentativa proposital de constranger o preconceito. As discussões através de textos dos livros didáticos podem não ser suficientes para instigar os estudantes a alguma mobilização, mas as imagens exibidas nos documentários trazem consigo uma autoridade que somente o audiovisual tem. As imagens mobilizam, instigam, ficam retidas na memória, apresentam vidas que se aproximam do espectador e o convoca para fazer algo.

Claro que os documentários só podem funcionar em sala de aula se houver 1) estrutura para exibição e 2) planejamento adequado realizado pelo professor. Os documentários sozinhos, talvez, somente criem sentimentos de empatia ou apatia, por isso a urgência de os professores compreenderem a importância que têm na mediação do conhecimento. Os filmes documentais não podem ser apenas momentos de passatempo e descanso nas aulas, mas de formação e informação em uma pedagogia que visa as transformações sociais.

As aulas não precisam ser momentos de concentração exacerbada e silêncio absoluto, pois podem se transformar em um espaço de reflexão e discussões. O professor precisa orientar seus alunos e alunas a perceberem como se dá o funcionamento dos documentários, tirando sua aura de verdade e realidade imparcial, mostrando as escolhas e composições feitas na montagem daquele trabalho. Que estes fatores não se tornem desculpas para se desconsiderar o material documentado

no filme, mas razões para prestar atenção aos alertas e avisos dados pelo diretor acerca de determinada situação social, principalmente o preconceito, que mata, destrói, separa, causa dor e sofrimento.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ; ANETE; MELLO; ROSELI. **Educação: Pesquisas e Práticas**. Campinas: Papyrus. [S.l.]: Papyrus Editora, 2000. 75 – 100 p.

ASSMANN, H. **Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente**. [S.l.]: Vozes, 2007.

BRASIL. **10.639 de 09 de janeiro de 2003, inclui a—Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, como conteúdo obrigatório nos currículos escolares, 2003**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 01 nove. 2018.

_____. Lei 11.645/08, de 10 de março de 2008, altera a lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "história e cultura afro-brasileira e indígena". **Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]**, 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm#urla#>. Acesso em: 01 nov. 2018.

BRUZZO; CRISTINA. O documentário em sala de aula. **Ciência & Ensino (UNICAMP), Campinas**, n. 4, p. 23–25, 1998.

FERRAZ, I. G. **POVO BRASILEIRO, O**. Direção: **Isa Grinspum Ferraz**. 2000. (280 min.).

FONSECA, S. G. **Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados. rev. e ampl.** [S.l.]: Campinas, SP: Papyrus, 2006. 255 p.

FREIRE, P. **Política e educação: ensaios. Coleção questões da Nossa Época**. [S.l.]: São Paulo: Cortez (5.º ed.), 2001. 144 p.

GOFFMAN, E. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade. **Rio de Janeiro: Guanabara**, p. 160, 1988.

JUNIOR, D. M. d. A. **A invenção do Nordeste e outras artes/Durval Muniz de Albuquerque Junior, prefácio de Margareth Rago.-.** [S.l.]: São Paulo: Cortez, 2011.

KENSKI; VANI. Kenski, vani moreira. educação e tecnologias: o novo ritmo da informação. campinas: Papirus, 200. **Práxis Educativa**, p. 144, 2007.

MORAN, J. M. O vídeo na sala de aula. **Comunicação & Educação**, n. 2, p. 27–35, 1995.

MUNANGA, K. Superando o racismo na escola. 2ª edição revisada/[brasília]: Ministério da educação. **Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade**, p. 206, 2005.

NAPOLITANO, M. **Como usar o cinema na sala de aula.** [S.l.]: Editora Contexto, 2003. 137 p.

NICHOLS, B. **Bill. Introdução ao documentário.** Trad. **Mônica Saddy Martins.** [S.l.]: Campinas, Papirus, 2005.

_____. **A voz do documentário. In: RAMOS, Fernão Pessoa (Org.). Teoria contemporânea do cinema. Volume 2.** [S.l.]: Senac, 2005.

RIBEIRO, D. O povo brasileiro. **São Paulo: Companhia das Letras**, p. 476, 1995.

RICARDO, C. A. Os índios e a sociodiversidade nativa contemporânea no brasil. **SILVA, AL da, GRUPIONI, LDB A temática indígena na escola. Brasília, MEC/MARI/UNESCO**, 1995.

SILVA; CÉLIA, A.; MONTEIRO; HILDA. **Combate ao racismo e construção de identidades.** In:.

SORLIN, P. El cine, reto para el historiador. **ISTOR. Revista de historia internacional**, n. 20, p. 11–35, 2005.

SOUZA, É. C. de. O uso do cinema no ensino de história: propostas recorrentes, dimensões teóricas e perspectivas da educação histórica. **Escritas**, v. 4, p. 70–93, 2012.

YOUNG, I. M. The scaling of bodies and the politics of identity. **Justice and the Politics of Difference**, Princeton University Press Princeton, New Jersey, 1990.